

Um museu desconhecido do público

Mesmo depois de 18 anos, o MAB não tem estrutura para manter o seu próprio acervo e é muito pouco visitado

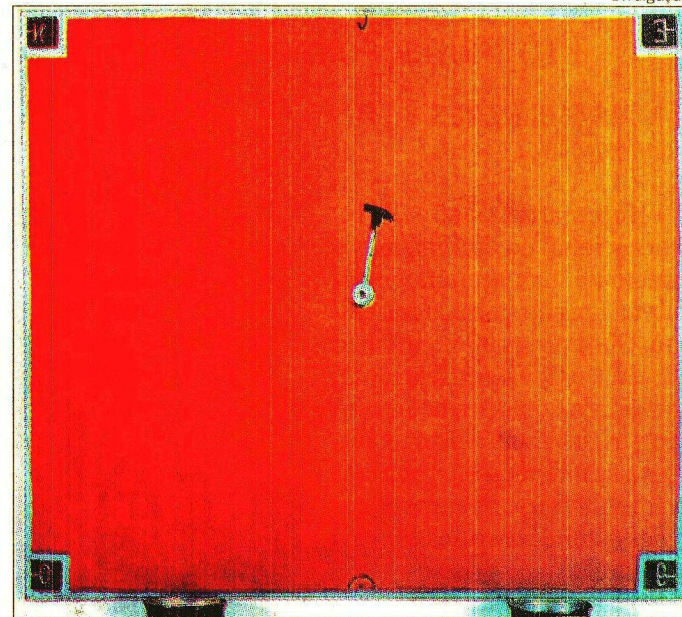
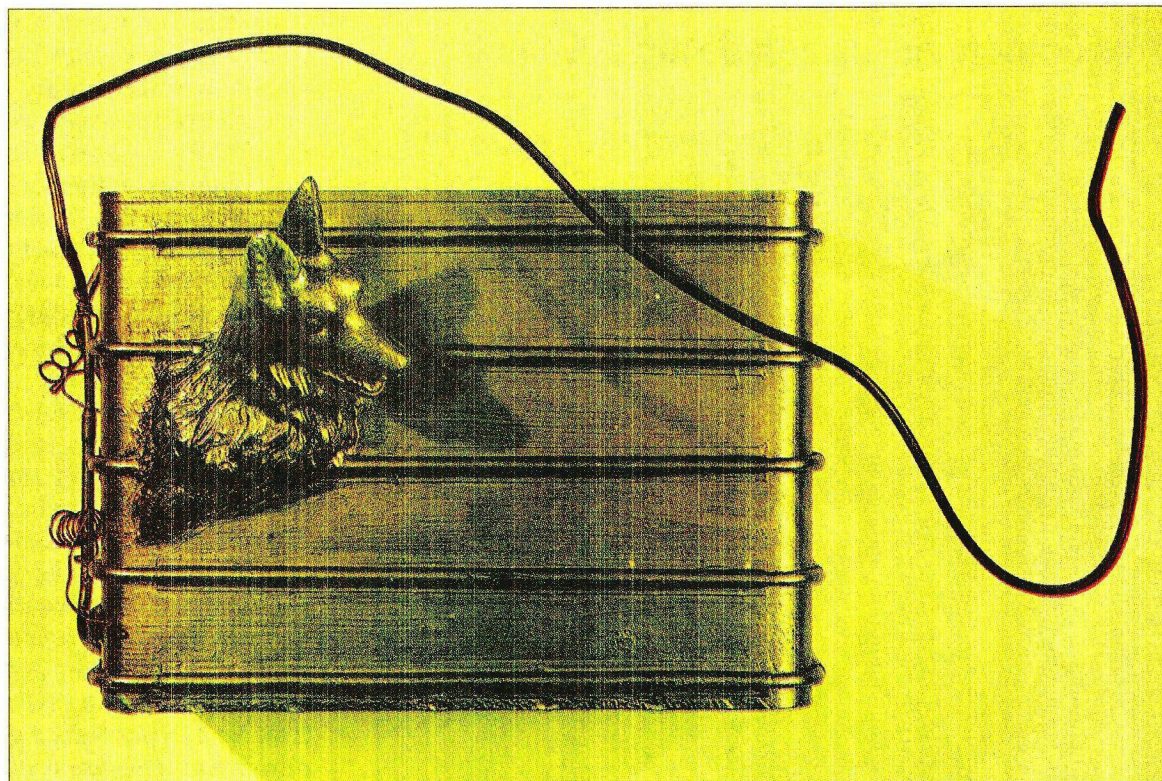
CAROLINA NOGUEIRA
REPÓRTER DO JB

O aniversário de 18 anos do Museu de Arte de Brasília (MAB), celebrado ontem, passou praticamente em branco. Nem mesmo os atendentes do próprio museu, consultados pela reportagem, sabiam da comemoração da data. Com quase duas décadas de existência, o mais importante museu público da cidade, localizado às margens do Lago Paranoá, ainda é desconhecido para a maior parte dos brasilienses. Apesar de contar com um acervo de mais de uma centena de obras, que reúne artistas como Thomie Ohtake, Alex Fleming e Siron Franco, muita gente nem sabe que ele existe.

— É um espaço que está muito aquém do que se espera de um museu da capital do país. O prédio não tem instalações adequadas, a própria instituição não recebe os recursos necessários para sua manutenção — comentou o artista Darlan Rosa, que possui peças no MAB.

Para ele, o MAB não cumpre nenhuma das funções básicas de um museu: nem guarda adequadamente o acervo que possui nem possui um programa bem estruturado de formação audiências críticas para a arte.

Criado em 1985, o museu foi alocado em um prédio tipicamente modernista, construído pela Novacap na década de 60 para abrigar o Clube



"O cachorro é o melhor amigo do homem", de Barrão, 1989, ao lado, e "Martelo giratório", de Emanuel Nassar, 1990, são algumas das obras do acervo do Museu de Arte de Brasília

das Forças Armadas. Com 4,8 mil metros quadrados, o prédio de três pavimentos abriga um acervo de centenas de obras típicas das artes moderna e contemporânea, reunidas em doações e concursos desde a década de 80. Em 2001, o MAB finalizou uma reforma que durou cinco anos e que melhorou a fachada do prédio e resolveu problemas de infiltração e na estrutura no museu. Apesar disso, para os representantes da cultura local, a estrutura ainda necessita de ajustes.

Apesar dos poucos recursos da Secretaria de Cultura, o governo promete melhorar o acesso ao museu e oferecer novas alternativas aos visitantes. Uma das fórmulas

que o secretário de Cultura, Pedro Bório, tem na manga é a realização de exposições temporais de grande porte no local.

— Aquela área tem tudo para crescer e se firmar como um bom espaço. A retomada do projeto orla e a conclusão de obras de hotéis e restaurantes naquela região vão valorizar o local, que passará a ser mais conhecido do público — espera o secretário.

Além da urbanização, a secretaria reserva para o MAB projetos para torná-lo mais conhecido do grande público.

— Estão em andamento negociações para trazermos ex-

"Aquela área tem tudo para se firmar como bom espaço"

posições temporárias que podem trazer melhorias para o próprio museu. Queremos vincular a vinda de certas exposições a pequenas reformas que ainda precisamos fazer no local, como a climatização do ambiente e a colocação do piso definitivo — afirmou o secretário. O atual piso do MAB, em cimento puro, solta uma poeira fina que danifica as obras expostas.

Além dos problemas na estrutura no prédio e dificuldades para manutenção do acervo, o MAB enfrentará nos próximos anos ainda mais um percalço — a concorrência do Museu Nacional, que o gover-

no do Distrito Federal ensaia começar a construir na Esplanada dos Ministérios. O novo museu deverá receber, por convênios, partes do acervo do museu nacional do Rio de Janeiro e obras importantes em exposição nos órgãos públicos brasileiros, como o Banco Central. Para o secretário de Cultura, no entanto, há espaço para convivência entre os dois espaços em Brasília.

— Acredito que o MAB se firmará como um espaço mais experimental, para artistas da cidade aparecerem, se firmarem. Ele encontrará um espaço de sobrevivência — acredita o secretário Pedro Bório, que não descarta novas reformas no espaço anexo ao

museu para a construção de oficinas e outras iniciativas.

Artistas locais, no entanto, duvidam desta possibilidade.

— Acho que o mais provável é que o MAB acabe mais isolado ainda. Aquele local é complicado, o governo não disponibiliza sequer uma condução para lá — contesta a artista plástica Clarissa Borges, considerada uma importante representante da nova geração de artistas da cidade. Ela louva o acervo do museu e a boa-vontade dos funcionários do local, que realizam anualmente o Salão de Arte de Brasília, mas opina que não há incentivo do governo.

caroln@jb.com.br